

O MAU HUMOR DE CHUTEIRAS



EDIÇÃO

Marcelo Dunlop

O poeta Fernando Pessoa dizia que o sujeito de bom senso é ateu ao sol do meio-dia, mas acredita em todos os deuses e espíritos quando cai a noite profunda. Tenho uma inveja danada dessa frase, porque gostaria de ter dito algo parecido, mas em referência ao futebol. Quando o árbitro trila o apito e a partida começa, é hora do mais materialista dos humanos crer em mistérios insondáveis e escritos nas estrelas desde que os primeiros registros da prática de algo parecido com o futebol entre nós surgiram, conforme demonstram algumas pinturas rupestres na Serra da Capivara.

A inveja que sinto da máxima do poeta português se transformou em angústia profunda ao ler esse compilado de frases sobre o futebol garimpadas pelo Marcelo Dunlop. Eu queria ter escrito todas elas, sem exceção. Algumas, cheias de efeito, são venenosas como uma folha seca do Didi. Outras tantas têm a pureza sacana da primeira punheta de menino ou de um desenho do Carlos Zéfiro. Diversas possuem autorias reconhecidas, carimbadas em cartório. Aqui ou ali pinta na área um autor anônimo (ando desconfiado que o próprio Dunlop meteu umas sentenças no babado).



edição

MARCELO DUNLOP

O MAU HUMOR DE CHUTEIRAS



mórula
EDITORIAL

Todos os direitos desta edição reservados
à MV Serviços e Editora Ltda.

REVISÃO
Leonardo Cunha

ILUSTRAÇÃO (CAPA)
Albarte

PROJETO GRÁFICO
Patrícia Oliveira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Elaborado por Gabriela Faray Ferreira Lopes – CRB 7/6643

M411

O mau humor de chuteiras / organização Marcelo Dunlop. –
1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

224 p. ; 21 cm

Inclui índice

ISBN 978-65-81315-40-5

1. Futebol – Humor, sátira, etc. I. Dunlop, Marcelo.

22-81475

CDD: 796.330207

CDU: 82-7:796.332



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904
20021_360 _ Lapa _ Rio de Janeiro _ RJ
www.morula.com.br _ contato@morula.com.br
[f/morulaeditorial](https://www.facebook.com/morulaeditorial) [@/morula_editorial](https://www.instagram.com/morula_editorial)

*Ao casal de salafários que, em meio
à alegria de uma Taça Guanabara,
roubou de moto a bandeira de estimação
de uma criança — e a fez, bem ali
na entrada do túnel Rebouças, sacar
tudo sobre a humanidade.*

8	Víboras sobre a grama
15	A de Ai
21	B de Bestiais
33	C de Copa do Mundo
43	D de Drible
47	E de Esforço
53	F de Fanáticos
65	G de Goleiro
71	H de Habilidade
79	I de Indomáveis
89	J de Juiz
95	L de Literatura
105	M de Multidões

113	N de Negócio
121	O de Outrora
127	P de Pelada
131	Q de Quizumba
137	R de Rei
145	S de Seleção
153	T de Táticas
163	U de Uniformizadas
169	V de Vídeo
175	X de Xerifes
183	Z de Zebra
190	Quem disse

VÍBORAS SOBRE A GRAMA

Marcelo Dunlop

E A DO CAMUS? Cadê a frase do Albert Camus? E a daquele outro cultuado filósofo, o “Neném (Pé de) Prancha”, sobre o presidente do clube cobrar o pênalti? E a do Jardel, tem a do Jardel?

O campo de futebol, como se sabe, é um retângulo coberto de grama, ladeado por duas balizas e cercado de perguntas por todos os lados. “Gol de quem?”, “falta quanto?”, “quanto esse cara ganha para chutar assim? Eu que devia receber para te ver em campo, desgraçado!” etc. etc. E, claro, a eterna curiosidade: “quem disse isso mesmo?”

Meu fascínio por frases, tiradas venenosas e citações definitivas é do tempo do Onça — no caso, o becão do Flamengo. Creio que comecei a colecioná-las na mais tenra idade, após cansar dos álbuns de figurinhas. A mania ganhou força quando li, num livro, que uma das máximas mais célebres do carnaval, “povo gosta de luxo, quem gosta de miséria é intelectual”, não era bem do Joãozinho Trinta — e sim de seu entrevistador, o genial jornalista Elio Gaspari.

A ideia desta antologia, portanto, nasceu para descobrir, de uma vez por todas, quem disse o quê, em que contexto e, em especial, contra quem.

Depois de mais de seis anos de pesquisas, iniciadas por sinal quando Adenor Tite mal começara na seleção brasileira, em 2016, foram várias

as descobertas. Aprendi, por exemplo, que a célebre frase de Camus (“o que eu mais sei sobre a moral e as obrigações do homem devo ao futebol”) jamais foi dita por Camus. A sabedoria destilada numa entrevista pelo goleirão argelino do Racing Universitaire Algerios (RUA), vencedor do Nobel em 1957, conforme verificada pelo doutor em literatura M.M. Owen, foi: “depois de muitos anos nos quais o mundo me proporcionou grande número de experiências, o que sei com mais certeza no longo prazo sobre a moralidade e as obrigações dos homens... aprendi com o RUA”.

Neném Prancha, o mítico pensador da praia de Copacabana, tampouco disparou uma de suas mais conhecidas sentenças, a que ensina: “pênalti é uma coisa tão importante que deveria ser cobrado pelo presidente do clube”. Boa, né? Mas em artigo na revista “Trip”, o velho roupeiro e técnico de futebol de areia aparece a renegando cabalmente, entre resmungos. Dizia que falou outra coisa, parecida mas diferente. Para variar, alguém teria mexido e copidescado a frase.

Não seria, claro, a última nem a primeira. Há várias tiradas de Prancha com versões diferentes na boca do povo. Como aquela em que o treinador nascido em Resende teria dito: “jogador bom é que nem sorveteria, tem diversas qualidades”.

Curiosamente, o fanático alvinegro Paulo Mendes Campos, que não costumava perder treinos, a registrou de outra maneira, em seu saboroso livro *O gol é necessário*: “jogador é como sorvete: tem de diversas qualidades”. Qual seria a certa?

Ao escavar atrás dos tesouros de Prancha, contudo, e ao cruzar as informações de historiadores de mão cheia e pés certos, pude enfim chegar perto da gênese de ao menos uma dessas pérolas.

De acordo com Raul Milliet Filho, o Botafogo perdeu um jogo, provavelmente nos anos 1940, depois que um jogador chamado Valseque desperdiçou um pênalti decisivo. Ao fazer a cobrança, pegou por baixo e mandou a bola do outro lado da rua, por cima das arquibancadas de General Severiano. No dia seguinte, conforme contou João Saldanha, o presidente do clube alvinegro, um senhor baixinho, de terno branco e sapato de verniz, ainda estava furo com o resultado. Ele interrompeu o treino e se aproximou. “Olhem só”, e bateu o pênalti no cantinho, para estufar as redes. E concluiu: “pênalti se bate assim”. Neném Prancha, ali a assistir a tudo, emendou de primeira, para risos gerais: “o pênalti é tão fácil, mas tão fácil, que até o presidente do clube pode bater!”.

Segundo o historiador bom de bola Sérgio Cabral, a modificação sacana na frase não teria sido coisa de Saldanha, nem de Sandro Moreyra

ou Sérgio Porto, velhos amigos de Prancha. E sim, obra e graça de outro notório frasista: José Martins de Araújo Júnior, ou, para os íntimos, Don Rossé Cavaca. Devemos tudo, portanto, àquele pé obscuro e descalibrado de Valseque.

De tanto rolar de cá para lá, assim, as frases de Camus e Neném acabaram enfeitadas, penteadas e floreadas.

Mas as grandes soladas verbais são como samba e passarinho, acabam sendo de quem pegar primeiro. Há, por exemplo, uma frase clássica que não entrou no livro para não dar briga, por ter três pais. Certa noite o saudoso Jô Soares recebeu o escritor Luis Fernando Verissimo em seu sofá, nos tempos de SBT. Em papo sobre a Copa de 1990 que se avizinhava, o Gordo perguntou ao torcedor do Internacional o que achava das chances da Alemanha. Verissimo então murmurou, espirituoso: “Os alemães jogam uma coisa que se parece com futebol, que não é bem futebol, mas que funciona”. Jô gargalhou, concordou e curtiu tanto a sacada que, ao menos de quatro em quatro anos, passou a repeti-la aos quatro ventos, em papos com outros aficionados da bola. O amigo Galvão Bueno, nas transmissões de jogos, adotou-a. Em pouco tempo, ninguém sabia mais de quem era a tirada — só mesmo quem ficou até tarde ligado no programa do Jô aquela noite.

Mas e a do Jardel? Bem, o Jardel, quem diria, disse que não disse, desdisse que disse e acabou por desdizer o que não disse, refutando a joia “clássico é clássico, e vice-versa”. De fato, nossos cobrões do futebol, como boas víboras, sempre foram capazes de uma frase de Pelé, outra de Macalé. As mais cheias de peçonha estão reunidas nas páginas a seguir.



1ª edição
impressão
papel miolo
papel capa
tipografia

dezembro 2022
rotaplan
pólen soft 80g/m²
cartão supremo 300g/m²
nassim e neue haas grotesk

Noves fora as boas invejas, sei apenas que esse livro é pedra noventa, bola sete na caçapa do meio, goiabada cascão em caixa, mergulho nas águas de um futebol que se recusa a ser o jogo asséptico e marqueteiro em que alguns insistem em transformá-lo. Nas páginas que seguem temos mais estádios e menos arenas, mais jogadores, treinadores e torcedores do que celebridades de ocasião, influenciadores, professores e clientes de um produto mequetrefe.

Por fim, uma dica: não saiam de casa sem levar o livro na bolsa. É para ler e reler no metrô, no trem, no intervalo de aula, na pausa para o cafezinho, no descanso de quem se encosta solitário no balcão do botequim, depois de um dia de perrengue, para a sacrossanta cerveja do fim de tarde, naquele clima de paz na terra aos torcedores e torcedoras de boa vontade.

Luiz Antonio Simas

“O problema não é que, neste livro,
Marcelo Dunlop tenha reunido várias
frases que eu gostaria de ter dito.
O que eu queria era ter feito este livro!”

Ruy Castro



 **mórula**
EDITORIAL

ISBN 978658131540-5

